

## RESENHA CRÍTICA

# A geração superficial: o que a *internet* está fazendo com os nossos cérebros

**Josceline Lira** Graduanda em Gestão da Informação. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) Brasil - [liraxl.joy@gmail.com](mailto:liraxl.joy@gmail.com)  
**Mécia Katarina Sena Pereira** Graduanda em Gestão da Informação. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) Brasil - [katarinasena@gmail.com](mailto:katarinasena@gmail.com)  
**André Felipe de Albuquerque Fell** Doutor em Administração. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) Brasil - [highland97@hotmail.com](mailto:highland97@hotmail.com)

### 1 REFERÊNCIA

CARR, Nicholas. **A geração superficial: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros**. Rio de Janeiro: Agir, 2011.

### 2 CREDENCIAIS DO AUTOR

Nicholas Carr é um escritor norte-americano de temas do âmbito da cultura e tecnologia. Já escreveu para o New York Times, Wall Street Journal, MIT Technology Review, entre outros periódicos. Seu livro *A geração superficial* é um best-seller do New York Times e foi finalista, em 2011, na categoria de não ficção, do prêmio Pulitzer, realizado pela Universidade de Colúmbia, de Nova Iorque, que premia a excelência em trabalhos jornalísticos. Em 2015, Carr foi premiado pelo Neil Postman Award, da Media Ecology Association, na categoria Career Achievement in Public Intellectual Activity.

### 3 RESUMO

O livro de Nicholas Carr, *A geração superficial: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros*, levanta a questão da relação do ser humano com a *internet* através das ferramentas tecnológicas intelectuais, usadas para ampliar/ajudar a capacidade mental. Nicholas Carr (2011, p. 70) afirma que o conjunto das tecnologias intelectuais

incluem todas as ferramentas que usamos para estender ou dar suporte aos nossos poderes mentais – encontrar e classificar informação, formular e articular ideias, partilhar know-how e experiência, fazer medidas e realizar cálculos, expandir a capacidade da nossa memória.

Entre outros exemplos de ferramentas tecnológicas intelectuais, estão o livro, o computador e a *internet*. Carr (2011) observa que a *internet* é a ferramenta tecnológica intelectual com maior poder de absorver o indivíduo para o ambiente virtual. Com a diminuição dos computadores para formatos portáteis (*smartphones*, por exemplo), ela tem sido acoplada ao corpo físico natural, exercendo um cada vez maior controle sobre este ao mantê-lo dependente dela e, o mais assombroso: está reconfigurando a própria mente humana. Na obra, há um bem fundamentado alerta à questão da influência da *internet* quer sobre o desenvolvimento cerebral das pessoas expostas a esse tipo<sup>1</sup> de tecnologia, quer mudando o formato de pensar, de reter o conhecimento, entre outros pontos significativos aos quais a informação está diretamente vinculada.

A dicotomia entre o que a tecnologia traz de positivo ou não para a pessoa ou a sociedade que se expõe a esse artefato é o que permeia grande parte da obra. O grande desafio trazido pelo autor está na angústia do viver *off-line* enquanto a *internet* oferece inúmeros atrativos, porém, promove uma certa forma de alienação.

São identificadas três ideias centrais que representam toda a discussão promovida na obra resenhada e que serão devidamente explanadas a seguir: **ferramentas tecnológicas intelectuais versus corpo humano**, a qual

<sup>1</sup> Tecnologia bidirecional onde a interação entre pessoa e artefato ocorre em tempo real.

enquadra a internet no conjunto das ferramentas tecnológicas intelectuais, discutindo sobre a interação tecnologia e corpo humano e anunciando de forma fundamentada os malefícios provenientes do uso massivo dessas ferramentas, especificamente da *internet*. A segunda ideia central é a relação **leitura profunda versus leitura superficial**, ideia que apoia toda a tese defendida pelo autor (e está presente em todas as discussões desenvolvidas no livro) e explica a dissolução da mente linear. A terceira ideia central traz **os efeitos da internet sobre o cérebro à luz da ciência**, que remata o propósito do livro ao responder à questão-chave levantada pelo autor: “o que a internet está fazendo com os nossos cérebros?” com base na Neurociência, Neuroplasticidade, Psicologia.

### 3.1 Ferramentas tecnológicas intelectuais versus corpo humano

A relação corpo humano - ferramenta é abordada no sentido de alertar os leitores para que exerçam uma postura crítica diante das interações com a tecnologia, pois, segundo o que o autor observa, “[...] a tecnologia não é apenas uma ferramenta, inerte até que a peguemos, e inerte de novo quando a deixamos de lado.” (CARR, 2011, p. 14). Ela influencia no modo de pensar e agir, sobretudo, as tecnologias intelectuais, pois “são [...] ferramentas mais íntimas, as que usamos para a autoexpressão, para moldar a nossa identidade pública e pessoal e para cultivar relações com os outros.” (CARR, 2011, p. 70). Esta influência é característica das tecnologias intelectuais, que estão imbricadas de implicações para o requerido funcionamento da mente humana (a mente é convocada a se adequar aos parâmetros de cada tecnologia intelectual), fenômeno que Carr (2011) nomeia de ética intelectual, comentando que esta ética é negligenciada pelos inventores de tais tecnologias, ao não atentarem para as consequências da tecnologia que desenvolveram, e pelos usuários, que se vislumbram com os benefícios e desconsideram os potenciais ou reais efeitos do uso dessas ferramentas.

### 3.2 Leitura profunda versus leitura superficial

A relação leitura profunda versus leitura superficial sustenta toda a tese desenvolvida no livro *A geração superficial* e é reiterada em todos os temas tratados no livro, ou seja, a partir dessas duas formas de leitura, o autor conduz sua tese baseada em sua própria experiência enquanto leitor profundo de livros impressos e, após sofrer influência da tecnologia intelectual *internet* na sua maneira de ler/pensar (e perceber este problema), enquanto leitor superficial no ambiente *on-line*. Carr (2011) revela o que o fez atinar para as mudanças que sofrera após aderir à leitura *on-line* ao dizer que percebeu: “[...] algo tem estado com o meu cérebro, remapeando os circuitos neurais, reprogramando a memória. A minha mente está mudando. Sinto mais agudamente quando estou lendo.” (CARR, 2011, p. 17).

Esta ideia explica como novos hábitos – como ler *on-line*, em um ambiente propenso a dispersar o foco que seria dedicado à leitura, uma vez existindo nele, várias outras atividades concomitantes: ler um texto e checar um novo *e-mail* e redirecionar a atenção para um *hiperlink* que exibe uma imagem e ouvir a música de fundo da página virtual e responder à mensagem de um amigo em uma rede social etc. – transformam os modelos mentais, pois o autor prova, ao contrapor o ato de ler profundamente e o de ler superficialmente, que o hábito de ler textos no ambiente da *internet* está promovendo a dissolução da mente linear – concentrada na leitura, ativa através das reflexões, geradora de conhecimento – para um modelo mental que a *internet* incentiva: dispersa, que percorre por tudo e não se aprofunda em nada.

Entenda-se que com o livro impresso, conseguiu-se driblar a predisposição da mente humana à desatenção<sup>2</sup>, oferecendo a possibilidade de foco no que se está lendo/tendo contato direto. Esse foco e concentração garantem a imersão no conteúdo do que se está lendo, deixando o meio ambiente circundante ao indivíduo que está lendo em segundo plano. Assim, o indivíduo experimenta a leitura profunda que permite o pensamento profundo e confere a este indivíduo o estado de leitor atento e crítico. Com a transposição do texto da página impressa para a página eletrônica da *internet*, o meio ambiente virtual/*on-line* no qual a leitura acontece, confunde-se com o próprio texto, atrapalhando no sentido de competir com o texto pela atenção do leitor, através de vários estímulos – sons, telas piscando, vários pontos de acesso (*hiperlinks*), que interferem/deslocam a atenção do leitor. Além dos estímulos, a *internet* oferece a facilidade

<sup>2</sup> “O estado natural da mente humana, como aquele dos cérebros dos nossos parentes do reino animal, é de desatenção. Nossa predisposição é deslocar o nosso olhar, e assim nossa atenção, de um objeto para outro, ser cômicos do máximo possível que está acontecendo ao nosso redor.” (CARR, 2011, p. 93-94).

de busca por informação, incentivando ainda mais o leitor a não se aprofundar na leitura pela facilidade de recuperação daquela informação posteriormente.

O entendimento do livro sobre o que caracteriza a mente/pensamento linear é a quietude, o foco e o fluxo contínuo das ideias, característicos da leitura profunda, tido como posicionamento ideal para o leitor diante de textos. Como contraponto, a mente que a internet forma é, como escrito na orelha do livro (CARR, 2011): “um novo tipo de mente que quer e precisa tomar e compartilhar informação em surtos breves, desconexos, frequentemente superpostos – quanto mais rápido, melhor”.

Ademais, no ambiente *on-line*, de interrupções para o pensamento linear, a leitura propensa é a não aprofundada. É comprovada na discussão desenvolvida em todo o livro que a *internet* roubou a atenção dos seus usuários, que ficam à deriva no seu ambiente eletrônico, envoltos de recursos que acarretam a distração e a passividade diante do que se lê já que apenas vagam pelos conteúdos sem refletirem, apenas processando dados que são disponibilizados em alta velocidade pelo meio eletrônico. O autor faz uma analogia bastante esclarecedora para o entendimento dessa mudança do pensamento linear para o pensamento evasivo: ele compara o aprofundamento na leitura de um texto impresso à imersão de um mergulhador na água; enquanto a superficialidade de um surfista, que apenas desliza sobre a água, à leitura *on-line* que se pratica no ambiente de constantes interrupções da *internet*.

Assim, admite-se a perda do aprofundamento dedicado à leitura em detrimento do ‘surfar’ realizado na *web* através da justificativa de que essa superficialidade na qual as pessoas dedicam horas do seu tempo livre pode facilitar questões práticas tais como evitar as grandes filas, sejam elas de banco, supermercados, entre outros. Porém, o autor remete-nos a questões que vão muito além da simples praticidade e dos benefícios que a *internet* pode trazer. Trata-se de graves questões éticas e cognitivas nas quais as pessoas que utilizam essa ferramenta aparentemente desconhecem ou não estão muito preocupadas com esses aspectos.

Com essa ideia central, o autor tenta despertar a consciência dos leitores, de serem reflexivos quanto à postura no uso das tecnologias intelectuais; torná-los mais críticos quanto às facilidades que a *internet* oferece: ela, pouco e pouco, vai tornando-os dependentes dos seus maravilhosos recursos – aplicativos que ajudam a gerir as relações sociais, tais como centenas de amigos virtuais juntos em uma mesma página da *web* (tornando irrelevante o componente essencialmente social, da pessoa física e sensível); permitem comunicação em tempo real (e se espera resposta em tempo real); permitem o pronto acesso às informações a qualquer tempo (eximindo o usuário de apreender cognitivamente tais informações) etc.

### 3.3 Efeitos da internet sobre o cérebro à luz da ciência

Para responder à questão crucial da discussão desencadeada no livro de Nicholas Carr – quais os efeitos do uso da *internet* no modo como nossas mentes funcionam? –, este recorre às explicações científicas oriundas da Neurociência, Neuroplasticidade e da Psicologia. Toda a fundamentação científica que Nicholas Carr incorpora à discussão procura melhor fundamentar o que percebeu com a sua mudança de leitor profundo para leitor superficial devido às consequências do uso irrefletido e exagerado da *internet*.

O espaço *on-line* incentiva a leitura descuidada, o pensamento apressado, promove o aprendizado superficial e desconecta o indivíduo do mundo real ao deixá-lo ocupado em essencialmente processar tantas coisas sem necessariamente cuidar de aspectos como confiabilidade, utilidade, veracidade, precisão e contextualização da informação. “Nosso uso da internet envolve muitos paradoxos, mas aquele que promete ter a maior influência no longo prazo sobre como pensamos é que ela prende nossa atenção apenas para quebrá-la.” (CARR, 2011, p. 165). O indivíduo tem a sua atenção absorvida para o ambiente virtual da *internet* e, independente do que o levou a este ambiente – ler uma página da *web*, fazer uma busca por informações, assistir a um vídeo –, o próprio meio fragmenta a atenção empreendida pelo indivíduo em várias outras atividades – no caso de uma leitura de uma página de texto na *web*, a *internet* oferece ao leitor tantos outros estímulos (visuais e auditivos): anúncios nas bordas e entre os textos, *links* para assuntos relacionados instigando para que sejam clicados (os *links* geralmente estão grafados em cor diferente do restante do texto, destacando-os), vídeos complementares – que não permitem que o usuário se concentre, apenas responda a seus estímulos, sendo empurrado incessantemente de um *link* a outro. A repetição desse comportamento de deixar-se levar dos usuários da *internet* impede que a mente pense profundamente e criativamente. Por outro lado, a leitura profunda é a condição ideal para vencer essa quebra de atenção que inviabiliza a imersão no que se lê. Carr (2011, p. 165) ainda afirma que “a lenta procissão de palavra através de páginas impressas refreava o nosso anseio de sermos inundados por estímulos mentais.”

Os estudos da neuroplasticidade dizem que há inter-relação entre tecnologia e mente. A mente é passível de mudança pelo uso de tecnologia, isto é, pode ocorrer a remodelagem da estrutura física e o funcionamento do cérebro humano. “Como muitos neurocientistas haviam descoberto, o cérebro – e a mente à qual dá origem – está permanentemente em construção.” (CARR, 2011, p. 61). E neste processo de contínua readaptação devida à plasticidade do cérebro, ocorre o enfraquecimento do que não se usa e o fortalecimento do que mais se repete. A plasticidade é explicada da seguinte maneira:

toda vez que realizamos uma tarefa ou experimentamos uma sensação, física ou mental, um conjunto de neurônios do nosso cérebro é ativado. Se estão próximos entre si, esses neurônios conectam-se [...]. Quando a mesma experiência se repete, os enlases sinápticos entre os neurônios se fortalecem e tornam-se mais numerosos, tanto através de mudanças fisiológicas, [...] como anatômicas [...]. Enlases sinápticos podem também se enfraquecer em resposta a experiências [...]. O que aprendemos enquanto vivemos é incrustado nas conexões celulares em perpétua mudança dentro das nossas cabeças. (CARR, 2011, p. 47).

O que o autor quer transmitir com isso é que “maus hábitos ficam arraigados em nossos neurônios facilmente quanto os bons hábitos.” (CARR, 2011, p. 57). E essas alterações ocorridas devido à plasticidade também podem desencadear patologias mentais como, por exemplo, depressão e desordem obsessiva compulsiva.

Um dos pontos significativos desta ideia central do livro é a apresentação da teoria do psicólogo educacional australiano John Sweller, que desenvolveu um estudo sobre como a mente processa informação para gerar o aprendizado – *Instructional Design in Technical Areas*, de 1999. Segundo Carr, é o trabalho de Sweller que dá os esclarecimentos sobre o que a *internet* faz com o pensamento ao interferir neste para que não se aprofunde. Carr (2011), reverberando o estudo de Sweller (1999), explica que o cérebro possui dois tipos distintos de memória: a memória de curto prazo e a memória de longo prazo.

Com a memória de curto prazo, retemos nossas impressões, pensamentos e sensações imediatas, que tendem a durar apenas uma questão de segundos [todavia] todas as coisas que aprendemos sobre o mundo, quer consciente quer inconscientemente, são armazenadas na memória de longo prazo, que permanece no nosso cérebro por uns poucos dias, uns poucos anos ou mesmo a vida toda. (CARR, 2011, p. 171).

Ocorre que um específico tipo de memória de curto prazo, a memória de trabalho, “desempenha um papel instrumental na transferência de informação para a memória de longo prazo e, portanto, na criação do nosso estoque pessoal de conhecimento.” (CARR, 2011, p. 171-172). E para que ocorra o armazenamento na memória de longo prazo referente ao que se aprendeu ou experimentou, de modo que fique consciente no pensamento, o cérebro tem que resgatar esse conteúdo e trazê-lo para a memória de trabalho. Carr (2011, p. 172) incrementa que os neurocientistas descobriram que a memória de longo prazo é “a sede do entendimento. Ela armazena [...] também conceitos complexos, ou ‘esquemas’. Ao organizar porções dispersas de informação em padrões de conhecimento, os esquemas dão riqueza e profundidade ao nosso pensamento.” O indivíduo, a partir desses conceitos adquiridos, entende novos conceitos ao fazer associações entre ambos; quanto a isto, Sweller (1999 apud CARR, 2011, p. 172) proclama: “o nosso desempenho intelectual provém em grande medida dos esquemas que adquirimos em longos períodos de tempo”.

A profundidade da inteligência do indivíduo é dependente da capacidade do cérebro deste de transferir informação da memória de trabalho para a memória de longo prazo e da capacidade de engendrar a associação dos conceitos. Porém, a transferência da memória de trabalho – que tem capacidade de lidar apenas com pequena quantidade de informação – para a memória de longo prazo – que tem vasta capacidade – é uma tarefa que exige concentração/atenção (justamente o que a internet prejudica), pois

[...] podemos processar não mais do que de dois a quatro elementos por vez [...]. Aqueles elementos, ademais, que somos capazes de reter na memória de trabalho desaparecerão rapidamente “a não ser que sejamos capazes de [sic] renová-los pelo treinamento”. (SWELLER, 1999, apud CARR, 2011, p. 173).

Esta citação ilustra a necessidade de obediência ao limite da mente à carga cognitiva, aqui significando “a informação que flui para a memória de trabalho” (CARR, 2011, p. 174) e que possibilita a retenção da informação para que a mente consiga fazer as conexões com o que já se conhece (o que já está incorporado à memória de longo prazo). Ao extrapolar esse limite, “não conseguimos traduzir a nova informação em esquemas. Nossa capacidade de aprendizagem é prejudicada, e nossa compreensão permanece superficial.” (CARR, 2011, p. 174).

A discussão retorna à importância da atenção/concentração, pois a capacidade de manter a atenção é dependente da memória de trabalho. O excesso de informação na memória de trabalho aumenta a desatenção e

confunde o julgamento do que é relevante ou não: a mente sobrecarregada não pensa, não faz concatenações, não compreende, apenas é arrastada. A memória de trabalho, para que funcione com eficácia, precisa de profundidade e “a chave para a consolidação da memória é estarmos atentos.” (CARR, 2011, p. 263).

Chega-se à resposta à questão levantada no livro: a *internet* está roubando a memória (e, conseqüentemente, a inteligência) das pessoas, que estão inadvertidamente permitindo que ela substitua o rico conteúdo de seus estoques naturais de conhecimento adquiridos através do labor do pensamento profundo pelos estoques virtuais – as bases de dados/informações que são oferecidas na *internet* como maneira de guardar o conhecimento além da mente/do corpo, como o mecanismo de recuperação de informação da Google. As facilidades e suas promessas instigam a adoção do que é artificial (as ferramentas tecnológicas) em detrimento do que é natural e deveria ser primado. A lição final que Carr (2011, p. 265) deixa é que “quanto mais usamos a web, mais treinamos nosso cérebro para ser distraído” e mais perdemos nossas aptidões mentais.

#### 4 APRECIÇÃO CRÍTICA DO RESENHISTA

Platão apresenta em seus diálogos o conceito do mundo das ideias, através do que é inteligível ou sensível. Em outras palavras, Platão escreve sobre o mito da caverna para elucidar com mais clareza o universo do mundo inteligível, ou comumente chamado de mundo das ideias, no qual as coisas seguem uma ideia de perfeição e intangibilidade, onde as pessoas são apenas cópias imperfeitas desse mundo; essa ideia se estende para o conceito de tudo. Trazendo esse conceito platônico para a *internet*, de fato, pode-se observar que a *internet* é uma aparência das relações e interações sociais, uma aparência da vida como um todo.

Enquanto acredita-se que as ferramentas oferecidas largamente na *internet* estão exclusivamente ajudando as pessoas a economizarem tempo, encurtar distâncias, dar suporte à memória, por exemplo, ela está agindo ininterruptamente para entreter/ocupar os usuários de modo a transformá-los em meros receptores, encobrendo a via que permite a interlocução, o posicionamento crítico: o pensamento, suas faculdades naturais.

Os sintomas da fusão do artificial com o natural são percebidos quando uma fonte, que deveria ser a memória do indivíduo, por exemplo, é substituída pela memória artificial resgatável a qualquer tempo através dos buscadores espalhados pela *internet*. O indivíduo enxerga a vantagem de recuperar qualquer informação que necessite através da rede mundial de computadores e nem se importa se sua inteligência está sendo retalhada; pensa ele: “Está lá, não preciso aprender, apenas acessar”. Há nitidamente a transferência do pensar/aprender/analisar (tipicamente humano) para o simplesmente acessar (tecnológico).

O alerta de Carr (2011) é para a conscientização do que a *internet* está fazendo com a mente, mas também para dizer que esses novos hábitos a que se está aderindo com o uso da *internet* trazem conseqüências fisiológicas. A frequência com que são repetidos acarreta a incorporação deles ao funcionamento natural do corpo físico. Se uma pessoa, por exemplo, que antigamente usufruía do privilégio de ser um leitor profundo, mas que após desfrutar da leitura on-line habitualmente, percebe que, em vez de usar a sua capacidade de concentração no ato de ler, percorre o olhar por um texto procurando encontrar apenas palavras-chave, desobrigando-se de imergir no conteúdo e, assim, gerar o entendimento; a resistência que o seu organismo (cérebro) irá exercer para que se aprofunde na leitura é resultado da adaptação que seu modo de ler sofreu, pela repetição, para o modo de leitura superficial. É o que a neuroplasticidade revelou: o cérebro está em constante construção (e adaptação) e os maus hábitos podem provocar a disfunção da mente linear (focada, reflexiva).

A *internet* está transformando as pessoas em sua semelhança, pois, a partir do trabalho intensivo que ela empenha na tentativa de desapropriação das pessoas da sua capacidade (essencialmente) humana da atenção – capacidade que garante que a mente engendre as concatenações com as informações que recebe e as transforme em conhecimento, papel exclusivamente do ser pensante –, a mente vazia de capacidade de aprendizagem intelectual desliza sem rumo próprio, sem inferir, sem apreender, sem contestar e gerar conhecimento; apenas processando dados e respondendo às solicitações de estímulos externos. E assim, o ser humano se coisifica, pouco se diferindo da sua mentora *internet*. E o pior: parece gostar da aproximação e identidade que ganhara com a máquina. Talvez a hipótese levantada por Teixeira (2014) explique o porquê desta aproximação não ser percebida como eminentemente desumanizadora:

a internet é a tecnologia mais neuromórfica que já foi inventada. Ou seja, ela é extremamente parecida com o cérebro humano. Sua arquitetura é parecida com uma imensa rede neural. [...] Sem percebermos, quando navegamos na internet, temos a sensação de estarmos viajando dentro de um grande cérebro humano, uma rede complexa de sinapses ligando os neurônios uns aos outros. Os links, que sempre remetem a outros links em um processo interminável, são organizados da mesma forma que os circuitos do nosso cérebro. Passar de um link para outro e, muitas vezes, até esquecer o motivo original pelo qual entramos na rede acontece com muita frequência. [...] A internet, construída como uma imensa rede neural é uma gigantesca imitação do cérebro humano. Nada pode ser mais reconfortante do que, ao olharmos para todos os lados, só encontrarmos a nós mesmos no mundo. (TEIXEIRA, 2014, p. 53).

Portanto, as interações *on-line* das pessoas dependerão significativamente das suas escolhas; caso optem por ficar *on-line* todo o tempo livre que têm, muito provavelmente mais cedo ou mais tarde sentirão a defasagem cognitiva quando se depararem com alguém que administrou mais conscienciosamente essa exposição ao ambiente virtual. Cabe ao ser crítico discernir o que lhe convém seguir ou não. Esse senso crítico ainda existe nas pessoas. Pode-se afirmar que ainda existe uma possibilidade e quando há possibilidade, há escolha, onde há escolha há liberdade.

Importante é entender que ao ler um livro impresso, dá-se o ritmo ideal para captar/apreender o máximo e transferir (com o auxílio da memória de trabalho, que depende da atenção para executar a transferência) para o estoque de conhecimento (para a memória de longo prazo). Na *internet*, por outro lado, o fluxo de informação em grande volume sobrecarrega a capacidade da memória de trabalho (porque rouba a atenção, assim, não se discerne), dificultando/inibindo a transferência. Com isso, a *internet* rouba a atenção, essencial para que a memória se consolide; a memória não pode ser formada por conta da falta de atenção; e, a inteligência incrustada na memória de longo prazo, nem consegue ser acessada ou abastecida sem a atenção das pessoas. Parece que a *internet* está subvertendo a sua condição enquanto pertencente ao conjunto das ferramentas tecnológicas intelectuais: em vez de estender ou dar suporte aos poderes mentais, está paulatinamente substituindo a mente pensante e criativa por uma mente rasa, superficial que raciocina com dificuldade e que mal lê, contemplando e inferindo para gerar novos conhecimentos e posterior saber.

Ademais, a adaptabilidade mental humana à ética intelectual da *web* cuja base é o pensamento calculista/algorítmico da tecnologia, excepcional em seguir regras, mas incapaz de fazer julgamentos ou demonstrar verdadeira empatia ou compaixão, não deve perder de vista que o que essencialmente caracteriza a natureza humana é o pensamento meditativo, isto é, o esforço de compreensão do mundo através das percepções, emoções e concatenações refinadas – frutos da contemplação e reflexão. Daí o alerta final de Carr (2011, p. 305): “à medida que passarmos a depender de computadores para mediar a nossa compreensão do mundo, então a nossa inteligência se achatará em uma inteligência artificial.”. A pergunta é: vamos passivamente aceitar, sem questionamentos e reação, que os elementos que definem a nossa essência humana estão ultrapassados e, por isso, devem ser dispensados??

## REFERÊNCIA

TEIXEIRA, J.F. O cérebro e a internet. **Filosofia: ciência e vida**, p. 52-53, 10 fev. 2014. Disponível em: <<http://filosofiacienciaevida.uol.com.br/ESFI/Edicoes/91/artigo307727-1.asp>>. Acesso em: 17 set. 2016.